

## Introdução

Juliano Alves Dias

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DIAS, JA. *Sacrificium Laudis: a hermenêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo tradicional (1969-2009)* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 132 p. ISBN 978-85-7983-124-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# INTRODUÇÃO

Aos 7 de julho de 2007 o papa Bento XVI publicou o *Motu Proprio*<sup>1</sup> *Summorum Pontificum*<sup>2</sup> sobre a liturgia romana anterior à reforma de 1970, por meio do qual deu liberdade a todos os padres do mundo, independentemente de autorização de seus superiores hierárquicos, para celebrarem a missa na forma ritual tridentina. Esse fato foi noticiado pela imprensa como um retorno à missa em latim; no entanto, faltou qualquer formulação histórica sobre esse ato da Santa Sé e das questões envolvidas sobre essa temática que remontam ao Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65) e suas resoluções litúrgicas e a constituição prática do ordinário da missa a pedido de Paulo VI (1963-78).

O ritual de adoração a Deus foi, desde os tempos primitivos do cristianismo, o ponto culminante da vida cristã. Ao fluir da História o culto configurou-se em um *Sacrificium laudis* (sacrifício de lou-

---

1 *Motu Proprio* é um documento elaborado por um papa que expressa sua vontade pessoal.

2 *Summorum Pontificum* é o título do referido *Motu Proprio*, que em latim significa “dos Sumos pontífices”, palavras que iniciam o documento, em uma referência a preocupação com a liturgia (culto divino) que os sumos pontífices apresentaram em seus pontificados.

vor): formou-se a missa. Além de servir ao propósito de agradar a divindade, a missa serviu, ao longo dos séculos, como fator de unidade e identidade para o catolicismo, mas é também em torno dela que grandes e significantes cismas surgiram no seio da Igreja Católica Apostólica Romana.

Herdeiro do templo e das sinagogas,<sup>3</sup> o culto cristão primitivo tinha já em seu centro a oferta de um sacrifício a Deus (Jungmann, 1962).<sup>4</sup> Tal sacrifício era feito em diversos ritos regionais durante a Idade Média, fato suplantado com o advento do Concílio de Trento (1543-1565), quando o rito foi unificado em um único Cânon<sup>5</sup> compilado e outorgado pelo papa São Pio V (1566-1572) com o intuito de consolidar a fé católica e combater o protestantismo que surgira no período em questão e que tinha outra visão do culto cristão, não como sacrifício, mas como memória. Para o protestantismo a missa é apenas um memorial da paixão de Cristo e não um sacrifício de expiação, de adoração, de louvor e impetratório, como entendem os católicos. Esse fato é bem elucidado nos XXXIX artigos de religião (HOOKER), obra protestante do século XVI que explana a nova fé antipapal do período citado.

O rito católico, o Cânon romano que tem sua origem no tempo de São Gregório Magno (590-604), surge unificado em meados do século XVI com fins de manter inalterada a doutrina cristã-católica, preservando-a de interpretações não ortodoxas. Para tanto, o latim, língua oficial da Igreja Católica, permaneceu como fator de preservação contra elementos estranhos e a proibição de alterar qualquer

---

3 O templo e as sinagogas eram, respectivamente, os locais de oferecimento de sacrifício de animais a Deus e de meditação das Escrituras na religião judaica.

4 Em seu livro *A liturgia da Igreja* de 1955, Jungmann, padre jesuíta, traça um histórico da liturgia romana explorando suas mudanças ao longo do tempo, permitindo assim a abertura de caminhos para certas inovações que se dariam no Concílio Ecumênico do Vaticano II iniciado no ano da 3ª edição de seu livro, 1962.

5 Uma regra geral de onde se inferem regras especiais. O modelo único para a realização da missa.

mínima parte do rito foi imposta sob o peso de possíveis sanções (PIO V, *Quo primum tempore*).<sup>6</sup> Antes do Cânon, o sacerdote oferecia a Deus pão e vinho, depois, segundo a fé católica, rezava o Cânon, *Versus Deum*,<sup>7</sup> oferecendo a Deus *in persona Christi*<sup>8</sup> o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Cristo, confirmando assim, a fé na transubstanciação<sup>9</sup> (CIC, 1951).

Dessa forma o culto cristão-católico encerra em si o centro da vida do fiel. A missa adquire um patamar de instrumento para manter imaculada a fé e agradar a divindade por meio de um sacrifício, além de conter em seu seio toda a essência da filosofia da história da Igreja Católica, na qual a humanidade, criada por Deus, cai em desgraça frente ao seu Criador, por meio do pecado, e é resgatada por meio do sacrifício divino de Cristo, para pagar a dívida do pecado. Em cada celebração da missa, o católico revive essa interpretação da história, na qual se refaz o sacrifício que Cristo fez na cruz, no altar, uma história teleológica, pois se oferece esse sacrifício até que o próprio Cristo retorne e julgue o mundo, pondo fim a ele (Concílio de Trento, 1545-63).

Assim, o culto expressa o adágio: *lex orandi, lex credenti*, “a lei da oração é a lei da fé” (CIC, 1993), ou seja, aquilo que se professa no ritual religioso é aquilo que se crê. Portanto, a missa sempre

---

6 Na bula papal, *Quo primum tempore*, o papa São Pio V impõe o Cânon romano e proíbe que a missa seja celebrada de outra forma, condenando com excomunhão quem o desobedecesse.

7 *Versus Deum*, de frente para Deus, dando as costas à assembleia reunida para significar que ele, o padre, ia à frente do povo para oferecer em seu nome, do povo, um sacrifício a Deus.

8 *In persona Christi*, o sacerdote oferece o sacrifício de Cristo, como se o próprio Cristo o oferecesse; naquele momento, para a fé católica, o sacerdote é mero instrumento da graça, Jesus Cristo se faz presente como vítima, cordeiro e sacerdote durante a missa (Catecismo da Igreja Católica, CIC, 1951).

9 Doutrina católica segundo a qual o pão e o vinho antes oferecidos como fruto do trabalho humano, por meio da efusão da terceira Pessoa da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, mudam sua substância, para sempre, em carne, sangue, alma e divindade de Cristo, segunda pessoa da Trindade (CIC, 1993).

foi também a exterioridade da fé católica, na qual se coloca em símbolos, gestos, palavras e ações a representação daquilo em que se acredita.

A missa de São Pio V, institucionalização do culto já existente, permaneceu inalterada em sua essência, com poucos acréscimos até 1969, quando, após o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65) entrou em vigor uma nova forma para a celebração do culto católico, promulgada pelo papa Paulo VI.

Passados quarenta anos daquele Concílio e mais de três décadas do novo *Ordo Missæ* (ordinário da missa) de 1969, observam-se a quantidade e as significativas mudanças processadas no final do século XX no mundo e no interior da Igreja Católica Apostólica Romana.

Nesse sentido, nota-se que o novo ritual não foi plenamente aceito e muito menos o referido Concílio Vaticano II. As inovações de ambos trouxeram discordâncias internas e o novo *Ordo Missæ* tornou-se o epicentro do último cisma da Igreja no século passado. O Vaticano II com suas pretensões ecumênicas e o novo ritual com suas simplificações trouxeram separação e conflito; onde se pretendia união gerou-se divisão, onde se pretendiam facilidades geraram-se dificuldades (Dias, 2005).<sup>10</sup>

Um grupo de bispos e padres liderados por monsenhor Marcel-François Lefebvre (1905-1991)<sup>11</sup> quis permanecer fiel ao rito de São Pio V e assim se manteve, não celebrando a missa no novo ritual. Mas, com o passar do tempo, o peso da idade recaiu sobre o referido

---

10 Com o apoio da Fapesp desenvolvemos em 2005 um trabalho de conclusão de curso por meio do qual foi estudada a proposta ecumênica católica feita no Concílio Vaticano II, o que nos obrigou a detalhar todos os seus 16 documentos pastorais e ecumênicos, que pretendiam fazer a Igreja mais próxima do mundo moderno e um retorno dos cristãos separados ao seio da Igreja Romana. No entanto, constata-se que novas divisões processaram-se antes mesmo de qualquer retorno à unidade, muito devido ao abuso de interpretações tendenciosas dos documentos conciliares e das inovações feitas na nova missa (Dias, 2005).

11 Arcebispo francês que por suas convicções e desobediência a Roma foi excomungado em 1988.

bispo, e sem ter um sucessor no grau do episcopado para comandar a Fraternidade São Pio X,<sup>12</sup> que formara com os padres fiéis ao rito antigo, pretendeu ordenar novos bispos.

É importante destacar que nesse ínterim o bispo, de acordo com o direito canônico (art. 377), é eleito e nomeado pelo papa, portanto outro bispo não pode sagrar um padre para fazê-lo bispo sem que o papa o determine. Um acordo foi feito em meados de 1988 entre o monsenhor Marcel Lefebvre e o Vaticano quando João Paulo II (1978-2005) era papa. Receando uma reviravolta no acordo, Lefebvre, junto a outros bispos e padres, dentre eles Dom Antônio Castro Mayer, bispo brasileiro, sagrou quatro novos bispos sem o consentimento de João Paulo II.

A reação de Roma foi manter a autoridade da Sé Petrina, com uma carta apostólica intitulada *Ecclesia Dei*, Igreja de Deus, por meio da qual, em 2 de julho de 1988, o papa João Paulo II declarava a excomunhão dos bispos sagrantes e dos ordenados em 17 de junho do mesmo ano: monsenhor Lefebvre, Bernard Fellay, Bernard Tissim de Mallerais, Richard Williamson e Alfonso de Galarreta (*Ecclesia Dei*, 1988).

Os bispos em questão acreditavam que o Vaticano II constituiu uma quebra na tradição da Igreja e que o novo *Ordo Missæ* de Paulo VI representava uma protestantização da missa, ignorando o sacrifício e a transubstanciação, transformando-os em memória (Gianni, 1996). Suas intenções, portanto, eram permanecer fiéis à Igreja, ao papado e à doutrina católica, mesmo que para isso fosse necessário desobedecer às ordens de Roma.

Desde o processo de excomunhão, inúmeras tentativas foram realizadas para uma reunificação dos seguidores de Lefebvre (hoje liderados por monsenhor Fellay) com Roma. O atual Pontífice Bento XVI (2005-) foi um dos líderes do processo de reaproximação entre as partes em questão quando era o prefeito da Congregação para

---

12 O nome da fraternidade é uma referência a São Pio X, papa que lutou fervorosamente contra o modernismo, que segundo os tradicionalistas teria entrado na Igreja com o Concílio Vaticano II.

Doutrina da Fé. O então cardeal Ratzinger e outros membros da Cúria Romana demonstraram suas restrições ao rito de Paulo VI e suas afeição pelo rito de São Pio V (Ratzinger, 1996).<sup>13</sup> O cardeal prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé celebrou inúmeras vezes e em diversas comunidades ligadas aos ideais de Lefebvre, mas unidas à Roma, a missa no ritual de São Pio V, quando o mesmo já estava quase esquecido pelo restante do mundo católico que, por sua vez, transformara o rito de Paulo VI em regra.

Ratzinger e outros bispos da cúria conseguiram fazer com que muitos lefebvristas retornassem à comunhão com Roma, dando-lhes o direito de celebrar a missa no rito tridentino e fazendo com que aceitassem alguns documentos do Vaticano II, como o que aconteceu no Brasil com a Administração Apostólica São João Maria Vianney, reintegrados à Sé vaticana por meio de um acordo entre o papa João Paulo II e Dom Licínio Rangel, sucessor de Dom Antônio Castro Mayer<sup>14</sup> em Campos no Rio de Janeiro.

O fato que se coloca então é o processo que teve início no final do pontificado de João Paulo II, quando este escreveu sua carta encíclica *Ecclesia de Eucaristia* (2003), por meio da qual ressaltou o sentido sacrificial da missa e junto à encíclica encomendou à Congregação do Culto Divino um documento que combatesse os abusos da missa de Paulo VI e impusesse restrições a este rito, o *Redemptionis Sacramentum* (2004). Já com o início do pontificado de Bento XVI em abril de 2005 um novo horizonte abriu-se para os chamados tradicionalistas, de modo particular para a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, pois o papa Ratzinger já fizera inúmeras demonstrações de sua afeição pelo alcunhado “rito antigo”.

Assim que eleito, um novo ânimo assolou os seguidores de Lefebvre, e poucos meses após a missa de abertura de seu pontifica-

---

13 Em seus livros, *Der Geist der Liturgie (Introdução ao espírito da liturgia)* (1999) e *O sal da Terra* (1996), o Cardeal Ratzinger expressa sua admiração pelo rito de São Pio V, pleiteando para ele um lugar de destaque na Igreja Romana.

14 Um dos bispos sagrantes unidos a monsenhor Lefebvre que também fora excomungado por João Paulo II.

do, o papa reuniu-se em *Castel Gandolfo*, a residência de verão dos papas, longe dos muros do Vaticano, com monsenhor Bernard Fellay, sucessor direto de Lefebvre, e uma nova fase de acordos começou, gerando grandes expectativas das alas mais conservadoras da Igreja Católica.<sup>15</sup>

Diante de tal perspectiva histórica pretende-se estudar as duas formas rituais da liturgia romana, comparando-as e procurando entender os motivos do cisma, ao mesmo tempo em que se pretende abarcar as ações do atual pontífice e as reações no mundo católico e fora dele.

Para tanto, usar-se-á como fonte o *Missal tridentino* de 1570 e o novo *Ordo Missæ* de Paulo VI de 1969, bem como os catecismos formulados após os Concílios de Trento (1545-1563) e o Vaticano II (1962-1965), tendo por objetivo comparar suas notificações sobre o culto católico e seu significado. Servem de auxílio diversos documentos como, por exemplo, a carta do cardeal Ottaviani<sup>16</sup> a Paulo VI por ocasião da promulgação do novo ritual da missa e os documentos conciliares de Trento e do Vaticano II que tangem à questão litúrgica e suas respectivas reformas. O *Motu Proprio Summorum Pontificum* com sua carta explicativa ganha destaque entre as fontes documentais, assim como as recentes ações litúrgicas de Bento XVI. Uma vasta bibliografia ainda oferece o respaldo histórico e teórico para este livro, que se enriquece também com a disponibilidade de textos encontrados na rede mundial de computadores, a *internet*.

A análise dos documentos em questão com o apoio da bibliografia arrolada será o guia para o estudo do tema deste livro, até agora inédito na historiografia da Igreja Católica Apostólica Romana.

---

15 Em 29 de agosto de 2005, o porta-voz da Sala de Imprensa da Santa Sé, Joaquín Navarro-Valls, anunciou que no mesmo dia o papa Bento XVI se encontrou com Bernard Fellay no Palácio Apostólico de Castel Gandolfo.

16 Na referida carta o cardeal Ottaviani, na época prefeito do Santo Ofício, que após o Concílio Vaticano II passou a se chamar Congregação para Doutrina da Fé, posiciona-se contrariamente ao novo rito da missa e elenca ao papa Paulo VI as possíveis falhas do novo rito.



Nesse processo, há de se ressaltar que na reforma litúrgica pós-Vaticano II foi criada entre outras uma nova Oração Eucarística<sup>17</sup> conhecida como número II, que por mais curta e simples é mais utilizada pelo clero e acabou suplantando o uso do antigo Cânon romano, que passaremos a chamar Oração Eucarística I. Essa mudança significativa concentrará muito da atenção aqui, pois todo o ritual da missa foi modificado, ou melhor, simplificado, e é nessa parte em específico que se encontra o ponto máximo da missa, forma litúrgica que expressa em gestos, símbolos e palavras o que a Igreja professa como verdade de fé.

Diante disso são colocadas algumas questões: O novo rito é um perigo para a fé católica? Há nele modernismo ou tendências protestantes? Suas inovações rompem com uma tradição cristã de cerca de dois mil anos? Quais os propósitos e mensagens o atual pontífice busca transmitir nas liturgias por ele presididas?

Durante o processo de análise tem-se a intenção de vislumbrar o impacto das mudanças no seio da Igreja, pois constata-se uma espécie de endurecimento no final do pontificado de João Paulo II, com a promulgação de documentos litúrgicos que tendem a criar empecilhos para possíveis abusos durante a missa (*Ecclesia de Eucharistia*, 2003) – há a retomada e destaque do sentido sacrificial do culto católico e uma série de recomendações impostas pela Congregação do Culto Divino para celebração da missa (*Redemptionis Sacramentum*, 2004).

O início do pontificado de Bento XVI deu sinais claros de seguir a mesma linha, avançando no que aparentemente seria um retorno ao passado da Igreja, o que tem criado esperança e expectativas nos tradicionalistas, principalmente pelo fato de o referido papa quase não usar a Oração Eucarística II, celebrar em geral, nas grandes solenidades, as partes fixas da missa em latim e mostrar-se preocupado com as questões internas da Igreja (*Deus Caritas*

---

17 Parte principal da missa, na qual há a chamada consagração, por meio da qual os católicos acreditam que a substância do pão e do vinho se convertem em corpo e sangue de Cristo (CIC, 1993).

*Est*, 2006)<sup>18</sup> – isso além de seu passado como cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para Doutrina da Fé e pela publicação do *Motu Proprio Summorum Pontificum* dando plena liberdade à forma ritual tridentina.

Fato é que, quarenta anos após o mencionado Concílio Vaticano II e quase quatro décadas de utilização do novo rito da missa, é rara qualquer menção específica na historiografia recente da Igreja sobre o andamento de tal tema. A maioria dos livros de história da Igreja que traça um levantamento de fatos até o Vaticano II, apresentam-no como uma espécie de revolução interna da estrutura eclesial<sup>19</sup> sem, contudo, aprofundar o tema ou mostrar as crises na Igreja decorrentes deste.

Nota-se, portanto, a necessidade, frente ao ineditismo e à relevância do tema, de um estudo analítico para esclarecer as nuances das duas formas do rito latino, suas possíveis disparidades e as consequências disso para a cristandade católica e para o mundo que acompanha com atenção o que propõe e sugere uma instituição que sobreviveu aos séculos e se tornou o legado de uma grande parcela da história da humanidade.

Assim, sobressai a importância desse direcionamento da Igreja Romana e da liturgia latina com sua influência sobre um grande número de seres humanos pela transmissão de seus valores e prescrições. Portanto, justifica-se o interesse em reconstruir esse capítulo da história religiosa da humanidade, que interfere nas esferas cultural, social e política de todo o globo.

Para tanto, inicia-se com a apresentação de um estudo histórico do rito romano no capítulo 1, no qual se destacam desde citações do

---

18 *Deus Caritas est* é a primeira encíclica de Bento XVI, que ao explorar o tema “Deus é Amor” relembra os fundamentos principais da fé católica, desde a história da salvação até culto em memória dos santos. Esses elementos remetem ao caráter centralizador do pontificado do papa Ratzinger que apontam para as problemáticas internas da Igreja.

19 Isso acontece principalmente quando o(s) autor(es) dos livros são seguidores de algum movimento pós-conciliar, pois tentam fazer do referido Concílio a justificativa para sustentar suas ideias e ideais.

cristianismo primitivo, como da patrística, até documentos elaborados pelo magistério eclesial. Urge, portanto, a necessidade de reconstrução da estrutura da referida forma litúrgica, bem como de sua propagação a partir do Concílio de Trento, entendido como uma resposta combativa ao protestantismo. Nesse ínterim, o II Concílio do Vaticano adquiriu um sentido dialogal com o protestantismo, fato que poderia ter refletido na reforma da liturgia romana.

No capítulo 2, almeja-se, após entendimento histórico da constituição das duas formas rituais, centrar a pesquisa nos significados e significantes dos dois ordinários da missa sob a análise dos textos litúrgicos, o da missa de São Pio V e a de Paulo VI (de modo particular, da Oração Eucarística II). Vale ressaltar o uso da carta do Cardeal Ottaviani acerca do texto que fora apresentado para a missa de Paulo VI.

Após essas reflexões parte-se para o estudo das recentes reações romanas no capítulo 3, no qual se traçam os acontecimentos acerca do tema estudado no fim do pontificado de João Paulo II, da atuação do então cardeal Ratzinger quando prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e da concretização do que Ratzinger, pouco tempo após ser eleito papa Bento XVI, chamou de hermenêutica da continuidade, fundamento da promulgação do *Motu Proprio Summorum Pontificum*, que deu plena liberdade à missa tridentina.